

## Eu fui à Serra do Sol

Nunes Pereira\*

Manoel Nunes Pereira (São Luís/MA, 1893 – Rio de Janeiro/RJ, 1985), veterinário de profissão, etnólogo por vocação, viajou por mais de 40 anos pela Amazônia, estudando sua flora e fauna, mais principalmente os povos indígenas, sua vida e cultura. Autodidata, como Curt Nimuendaju (1891-1945), de quem foi amigo e seu primeiro biógrafo, é autor de obras como *Moronguetá* – um Decameron Indígena (2 vols.), *Panorama da Alimentação Indígena*, *A Casa das Minas*, *Os índios Maués*, *Um naturalista brasileiro na Amazônia* (Barbosa Rodrigues), *Bahira e suas experiências*, *O sabiré e o marabaixo*, entre outras. Nunes Pereira pertenceu ao Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA, às academias Amazonense e Maranhense de Letras, além de várias outras associações científicas. Foi pioneiro em vários estudos, como os originais “Escada para peixes”, “Peixe-Boi da Amazônia”, além do estudo etnográfico sobre o Porantim, remo-mágico dos Mawé, que ele trouxe ao conhecimento do mundo acadêmico no final dos anos 30.

Este artigo – reportagem sobre a viagem por ele realizada ao então Território do Rio Branco, atual Estado de Roraima, em 1947 – revela seu profundo desencantamento sobre o processo da catequização e “pacificação dos índios”, sentimento semelhante ao de seu amigo Nimuendaju, após a “pacificação” dos Parintintim, em 1924. É um libelo contra essa política e, embora a homologação das terras da Raposa/Serra do Sol tenha amenizado o problema da sobrevivência física dos indígenas, o tema do etnocídio continua atual.

*Selda Vale da Costa (Ufam)*

---

\* Reportagem publicada no jornal de Belém do Pará, Folha do Norte, em 13 de julho de 1947, p. 6. Recolhida por Selda Vale da Costa (Ufam), para sua tese de doutoramento: “Nunes Pereira e as culturas amazônicas” (PUC/SP, 1997).



\*\*\*\*\*

Na visita que nos fez, ao chegar a Belém, há dias, o nosso confrade Nunes Pereira prometeu dar uma entrevista a respeito da sua recente excursão aos campos e montanhas do Território Federal do Rio Branco. E cumpriu, como se verá abaixo, a sua palavra, não obstante suas múltiplas atividades, no campo de variados estudos, pois, além de jornalista, é etnógrafo e alto funcionário do Ministério da Agricultura. E fomos nós até quem lhe dissemos:

– Inteiramente ao dispor [...]

– Então vá anotando. Em maio de 1937, depois de treze anos de ausência, regressei à Amazônia. Elaborara um programa de trabalhos e de estudos, de viagens e de aventuras, ao longo dos panoramas geográficos, econômicos, sociais e culturais da Amazônia. Ora, grande parte desse programa foi aprovada pela Diretora da Divisão de Caça e Pesca, daí resultando encontrar-me neste momento em Belém.

– Deram-lhe, naturalmente, verba especial ou um livro de cheques assinado por um magnata de Wall Street.

– Nada de verba especial nem de livro de cheques. Viajei como os meus amigos Raul Bopp e J. Jobim viajaram todo o mundo: com o mínimo de dinheiro e uma curiosidade insaciável. Sou, por isso, talvez o último tipo daqueles viajantes, em cuja companhia não se sentiriam mal, de certo, os primeiros cientistas e os primeiros desbravadores da Amazônia.

Deixei, portanto, Manaus a 12 de novembro de 1946, com meus aparelhos de pesquisas, minhas malas e minhas botas, levando, também, utilidades que os guias e os indígenas preferem ao dinheiro, tais como espingardas de caça, munições, terçados e machados, sal, muito sal, anzóis e linha de pesca, isqueiros, cigarros, tudo isso provindo, em boa porção, da generosidade de algumas firmas de Manaus e da Diretoria da Associação Comercial do Amazonas, prontas sempre a auxiliar iniciativas dessa natureza.

A embarcação, com o nome de *Tartaruga II*, fugia ao tipo mais comum, naquela região, que a ganância adaptou a homens e a animais, numa promiscuidade bíblica. Tive assim ensejo de ir-me humanizando um pouco mais, durante os dias em que fui revendo a terra, a floresta e as águas do Rio Branco – um dos mais pitorescos e dos mais futurosos da Amazônia,



que eu subira pela primeira vez em 1918. Demais, aquela embarcação levava em seu bojo uma síntese das sociedades modernas: comerciantes, advogados, lavradores, cometas, prostitutas, faiscaidores, operários, facínoras e marreteiros. Gente do Nordeste e da Síria, do Rio de Janeiro e da Calábria, de Martinica e da Polônia. Índios, de olhos oblíquos e tristes, da tripulação. Negros, de dentes alvíssimos na máscara de azeviche, vindos de Caiena. Brancos, de nariz adunco e gestos cúpidos, toda essa gente ia em busca de ouro e de diamantes. E eu apenas ia à procura do desconhecido e do problemático, sem dinheiro e sem roteiro preestabelecido. Mas sempre sobrava tempo para me meter na conversação objetiva dessa gente, na sua maledicência, razão por que pude recolher elementos para confrontar dois tipos de governadores do Rio Branco: o capitão Ennes Garcez e o coronel Felix Valois.

Em Boa Vista, posto em contacto com este último, logo identifiquei nesse soldado um lídimo professor, de cultura indiscutivelmente democrata. Pelos atos de administrador e de governante, do capitão Ennes Garcez, não poderia ele ser senão o reverso do democrata. Pois, em Boa Vista, fui encontrar uns saudosistas do seu regime de força, campo de concentração e borracha!... Há dias – sob um pretexto justo, já se vê – puseram fora do governo o democrata, o professor que falava, frente a frente, ao povo, que se misturava com ele, nas festas de arraial e no seu destino.

– Parece que esse é o destino dos democratas.

– Não, digo-lhe que não. Há de vencer a Democracia, com D maiúsculo, que é algo como política com P maiúsculo, por que tanto aspirava Joaquim Nabuco. É preciso que ela vença, do contrário ficaremos à mercê de forças de destruição da própria Humanidade. Eu sentira antes essa necessidade, percorrendo os campos de Marajó, mas tal convicção só deitou mais fundas raízes no meu espírito diante das montanhas e dos campos do Rio Branco.

– Mas, não foi naqueles campos rio-branquenses que Walter Raleigh anteviu o El-Dorado?

– Reteve, como vejo – e o felicito – suas lições de História Universal; lamento, entretanto, não haver compreendido que Sir Walter Raleigh, com sangue de príncipe e de pirata nas veias, não acreditava, ele mesmo, no El-Dorado, por isso que o foi buscando noutras aventuras e noutras terras.

É o Rio Branco um foco de apelo secular que alucinou aventureiros, que os alucina ainda hoje e os alucinará, amanhã. Quando lá estive, pela primeira



vez, só o velho garimpeiro Severino teimava em arrancar do leito dos igarapés e dentre os blocos de granito das serras o ouro! Os campos ainda estavam povoados de rebanhos. Havia pouca lavoura, é verdade; em compreensão, havia gado bovino, muito gado, e até carneiros. O regime dominante era o patriarcal. A fartura dava para criar os rebentos de todos os anos. E, como ninguém dali saía para a guerra, pode-se dizer que a vaqueirada era feliz e era feliz a sua família e os agregados e os índios até... que com eles trabalhavam, lidando com o gado, virando tartarugas, flechando pirarucus no baixo rio Branco.

Voltando ali agora, verifiquei que a sociedade patriarcal desaparecera, que a cobiça e o crime ensanguentaram a terra dominada então pelos currais, que os tabuleiros e os boiadouros de tartarugas haviam sido arrasados e a batção despovoara os lagos de pirarucus e alguns cursos d'água haviam sido até esterilizados.

O velho garimpeiro Severino e outros da Venezuela e da Guiana Inglesa tinham conseguido arrancar das lavras quilates e quilates de diamantes!

Fazendeiros e vaqueiros, diante disso, deixaram o gado morrer, abandonaram os seus currais e foram para as minas.

E, em vez de animais de sela, resistentes e bem arreados, riscaram os campos os caminhões e as motocicletas; motores de popa e lanchas velozes iam buscar a Manaus cargas preciosas, que os garimpos, que as minas devoravam, pagando tudo a ouro e a diamantes.

Regresso agora àquela região, vinte anos após, e verifico que o destino daqueles campos e daquela gente permanece pendente entre a fascinação do ouro e do diamante e a miséria dos campos e das lavouras.

Ali, predominaria aquela, naturalmente se a mineração, no Brasil, já se houvesse libertado da rotina que sempre a caracterizou em todo o país, desde o período colonial, trazendo, entre outros males sociais, além de uma incoerente e alucinada mobilidade, o crime, sempre o crime, a miséria, sempre a miséria. Cada mina no Rio Branco é, por assim dizer, um foco de apelo... do crime e da escravidão. Fui da serra do Tepequém às do Cotingo, visitando garimpos, e posso contar, perto do fogo, se quiserem, as histórias mais tristes, os fatos mais aterrorizantes, que recolhi ali.

Deslumbra, paradoxalmente, que as crianças ainda possam rir alegremente em meio a tanta miséria, a tanta ignomínia.



Enquanto isso, os vaqueiros índios do Surumu encheram meus ouvidos com as suas lendas ingênuas ou me explicaram, poeticamente, toda a toponímia desse rio, cujo nome significa – chão onde se enterra...

E esses índios, Macuxi, Wapixana, Arekuna, qualquer que seja o nome que lhes deem, têm um drama na vida – o da sua pretensa pacificação, chamada a si pelo SPI ou pelos missionários. Às mãos do SPI essa gente sofre os efeitos da burocracia positivista, aguardando ao relento, como cães, o pagamento que lhes devem, o pedaço de carne que lhes dão a contragosto ou para justificar novos pedidos de verbas ao governo.

Conheci centenas de malocas em todos os afluentes do Rio Branco e índios robustos e saudáveis. Ainda os males da Pacificação ou da Civilização não se haviam abatido sobre eles. E os da catequese religiosa, também. Aculturados e escravizados pelos civilizados (*sic*) da região rio-branquense, esses índios não podem acreditar que há um Deus de bondade, porque só os maus ali desfrutam riquezas e bem-estar e estão incorporados a uma sociedade que se proclama fundamentada no Direito e na Justiça.

Visitei, de passagem por Vista Alegre, o cemitério onde Koch-Grünberg – o grande amigo dos índios – esteve enterrado, alguns anos, até que, por sugestão do escritor Luís da Câmara Cascudo, lhe mandaram os despojos para a Academia Amazonense de Letras, que não os quis receber, apressando-se em fazê-lo o Instituto de Etnografia e Sociologia do Amazonas.

Pois veja, agora, mal pisaram as calçadas de Manaus, correram os cientistas da Unesco a pôr sobre a urna funerária de Koch-Grünberg, com a presença do governador Leopoldo Amorim, uma linda braçada de rosas.

Quando passará a Hora da Paixão dos Índios, não sei... mas certa será a homenagem que lhes prestaremos amanhã... quando a Pacificação Oficial e a Catequese religiosa verificarem que o último deles não existe mais. E essa há de ser, naturalmente, a sua Glória.

Mas, também, pode acontecer que os índios ainda possam estender mais longe a vingança que lhes cabe, terrivelmente, ou pitorescamente, como o “parente” Alberto, índio Wapixana que, certa vez, ofereceu em sua maloca, a Rondon, um guisado de gafanhotos com pimentas, explicando-lhe tratar-se, nada mais, nada menos, de uma *delicatessen*: camarões do campo...

A partir da serra da Cobra, já em terras banhadas pelo rio Cotingo, tive por guia o tuxaua Idelfonso, que aliviou a carga do único boi de que

dispúnhamos no jamaxi que uma das suas mulheres carregava à frente. O tuxaua Armando viveu muitos anos no Rio de Janeiro, tendo sido levado para lá pelo general Rondon. Tem a estatura do pai e a robustez, além da fraqueza pelas mulheres, principalmente quando se lhe depara um grupo de irmãs, pois a prática do sorelato é peculiar à organização socioeconômica dos Macuxi.

Foi graças a esse incomparável guia que eu escalei as serras de ambas as margens do rio Cotingo, que lhes transpus os abismos, acovardado aqui, desassombrado acolá, ora a cavalo, ora a pé, rasgando as botas tachadas nas saliências das pedras que os gênios maus daquelas serranias e daqueles campos espalham à frente de todos os que lhes querem violar os domínios.

Conheço vários roteiros por onde se têm aventurado, no afã patriótico de nos definir as fronteiras, as nossas Comissões de Limites.

Só agora, porém, me foi dado aquilatar o que esse afã exige de um Braz Dias de Aguiar e dos seus companheiros, escalando montanhas e vadeando rios, para que saibamos, nós brasileiros, e o saibam todos os povos, que a nossa soberania está dentro de limites levantados e definidos a suor, a lágrima e a sangue.

Por fim, após tantas vicissitudes, uma bela manhã o tuxaua Armando passou a acender mais fogueiras, anunciado, por meio desse sinal tão da usança da índiada, que o tuxaua Jones deveria ir cuidando dos moqueados e dos caxiris, pois já nos avizinhávamos de sua maloca, não muito longe da serra do Sol.

E, efetivamente, ao fim de quatro horas de viagem, chegávamos à maloca dos Ingarikó, que, deixando o recesso das matas, onde habitam, preferentemente, e de onde lhes veio o nome (Ingarikó quer dizer: o que habita a mata, conforme me explicou o tuxaua Armando e, antes dele, Koch-Grünberg), estavam morando em meio do campo, a distância não muito grande da serra.

Na maloca do tuxaua Jones foi abolido o nudismo, todos me diziam, mas a verdade é que, mal os deixavam em paz os intrusos, voltavam à primitividade dos seus hábitos.

Nos meus primeiros dias entre os índios cuidei de explicar-lhes que trocaria toda a carga do meu boi e do meu cavalo com eles, caso me mostrassem as plantas e os bichos das matas da serra do Sol.

Eu bem sabia que eles não podiam compreender houvesse um



homem viajado tanto para coletar peixinhos, escorpiões, sapinhos e plantas, principalmente não sendo pajé. Mas o tuxaua Armando os esclareceu. No outro dia, diante da casa redonda da maloca, o chão ficou alastrado de plantas, de raízes e de frutos. Que luta para que me deixassem, depois, ir acomodando o material nas prensas e os sapinhos e os peixes em vidros e latas! Eu, também, tinha de explicar-lhe de que me serviria tudo aquilo depois, lá na minha “maloca” do Rio de Janeiro.

Certa tarde, garotos me apareceram com uma colônia de sapinhos Conopichi. Mostrei-lhes os que coletara entre o Quinô e a maloca do tuxaua Armando, na margem esquerda do Cotingo. Ficaram admirandos. Perguntei a Jones para que serviam e ele me explicou que com a secreção do Conopichi costumam purgar-se, escarificando a pele do antebraço. Purgam-se, isoladamente e coletivamente, e curam-se de diversos achaques com essa secreção.

No outro dia trouxe-me o próprio tuxaua um pequeno arbusto que medra, geralmente, nas terras negras dos buritizais. Era a Canela de Maçarico, uma planta de virtudes anticoncepcionais maravilhosas, dizem.

Eu havia feito essa viagem tão penosa e acidentada para ver não apenas plantas e bichos, mas principalmente as danças dos Ingarikó, a “parichara” e uma outra denominada “Aheruya ou Aleluia”, de caráter xamânico.

O tuxaua mandara chamar os Ingarikó que habitavam as matas, a três dias de marcha.

E uma tarde ouvi azáfama desusada na maloca. E, pouco depois, começaram a chegar dezenas e dezenas de índios, carregando frutos e batatas, de mistura com as redes, em vastos jamaxis.

Ficaram a distância, alguns momentos, acomodando as cargas, lombadas pelas mulheres. Depois, com um tal Caxemir à frente, foram se aproximando da casa redonda do tuxaua, dois a dois, dançando.

Na sua nudez absoluta, os homens e as mulheres, me pareceram belos e fortes. Crianças, rapazes e raparigas de treze anos, se tanto, vinham bailando. E velhos e velhas. A melodia do canto tinha algo de africano e sabia um pouco a “spirituals”.

Dançaram até às primeiras sombras da noite, no terreiro, em frente da casa do tuxaua.

Na manhã do dia seguinte, inesperadamente, chegou d. Alcuíno Meyer,

padre beneditino.

E não sei, até hoje, por que artes mágicas, todos aqueles belos corpos, que eu vira absolutamente nus, apareceram ao padre cobertos de farrapos, indo do pitoresco ao hediondo.

– Deve ter trazido, além dessas lembranças, um grande número de observações e de material indígena.

– Realmente. Não poderei descrever e narrar aventuras inverossímeis ou menos reais, mas posso garantir-lhe que trouxe comigo dados preciosos para novos ensaios. Os garimpos podem dar um ensaio de largo fôlego e as lendas recolhidas poderão enriquecer a antologia indígena.

Quanto ao material botânico e ao material zoológico, espero que só dele tirarei, ao menos, o necessário para me pagar de tantos sacrifícios e vicissitudes.

Eis aí um motivo de orgulho e de pesar: Eu fui à serra do Sol, não para lhe verificar a altura de 2.400 metros sobre o nível do mar, nem para a escalar, nem para a identificar como uma das mais belas do sistema Pacaraima, o que devemos a Braz Díaz de Aguiar e a seus companheiros.

Fui ver aquele povo que ainda é livre, entre o campo e a floresta, numa terra livre!

